

NOVAS ESPECIES PARA A FLORA DE PORTUGAL — II

J. MALATO-BELIZ

Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas, Portugal

(Recibido el 14 de junio de 1973)

Resumen. El estudio de un material herborizado recientemente, condujo al conocimiento de cinco especies nuevas para la flora portuguesa: *Calystegia silvatica* (Kit.) Griseb., *Artemisia verlotorum* Lamotte, *Catananche lutea* L., *Taraxacum ruborum* van Soest y *Biarum bovei* Blume. De cada una de ellas se da sinonimia, descripción y distribución geográfica, así como algunos datos sobre su ecología y fitosociología, y en algunos casos se incluye un dibujo de la planta. Se señala especialmente la presencia en Portugal de *Catananche lutea* y *Biarum bovei*, especies típicamente mediterráneas, cuya área de distribución queda prolongada en su límite nord-occidental.

Summary. The study of recently herborized material led to the knowledge of yet the following group of new species for the Portuguese flora: *Calystegia silvatica* (Kit.) Griseb., *Artemisia verlotorum* Lamotte, *Catananche lutea* L., *Taraxacum ruborum* van Soest and *Biarum bovei* Blume. The synonymy, morphological description and distribution are given for each of them, some data on their ecology and phytosociology, and also, in some cases, a drawing, being added. Particularly to be noted is the presence in Portugal of *Catananche lutea* and *Biarum bovei*, typically Mediterranean species whose area of distribution is now widened in its northwestern boundaries.

A determinação de plantas herborizadas últimamente pelo pessoal do Laboratório de Fitossistemática e Ecologia Vegetal, levou ao conhecimento de mais um grupo de espécies novas para a flora portuguesa, constituído por: *Calystegia silvatica* (Kit.) Griseb., *Artemisia verlotorum* Lamotte, *Catananche lutea* L., *Taraxacum ruborum* van Soest e *Biarum bovei* Blume.

De entre elas, importa especialmente destacar a presença em Portugal de *Catananche lutea* e de *Biarum bovei*, espécies da bacia mediterrânica cujo limite da área de distribuição conhecida se alarga, pelos dados presentes, no sentido do extremo norte-occidental da região.

Aos Exmos. Senhores Prof. Dr. J. L. VAN SOEST ('s Gravenhage) e

Dr. R. K. BRUMMITT (Kew) se manifesta a maior gratidão pela forma amável como nos dispensaram preciosos esclarecimentos. No mesmo sentimento se englobam os Exmos. Senhores Directores do Instituto Botânico de Lisboa, do Jardim Botânico de Madrid, Prof. Dr. F. BELLOT RODRÍGUEZ e do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências de Sevilha, Prof. Dr. E. F. GALIANO, pela gentil cedência de material dos respectivos herbários. Ao Exmo. Senhor Dr. J. RODRIGUES DE PAIVA, do Instituto Botânico de Coimbra, agradecemos, com o mais profundo reconhecimento, a magnífica colaboração prestada através do fornecimento de numerosos e imprescíveis elementos bibliográficos. Ao raro companheirismo, entusiasmo e competência profissional invulgares do Reg. Agr. J. ANTUNES GUERRA e aos excepcionais dotes artísticos e à muita dedicação do Ajudante de Laboratório A. CADETE se ficará devendo o que de mais válido tiver a presente nota.

Calystegia silvatica (Kit.) Griseb., *Spicil. Fl. Rumel.* 2: 74 (1844).

Convolvulus silvaticus Kitaibel in Schrader, *Neues Jour. Bot.* 1 (1): 163 (1805).

Calystegia sylvatica (Waldst.) Griseb., *Spic. Fl. Rumel.* 2: 74 (1844), in Briq., *Prodr. Fl. Corse* 3 (2): 74 (1955).

Calystegia sylvestris (Willd.) Roem. & Schult., *Syst. Veg.* 4: 183 (1819).

Calystegia lucana G. Don, *Gen. Syst.* 4: 296 (1837-1838).

Calystegia inflata G. Don in Sweet, *Hort. brit.* ed. 3: 486 (1839).

Calystegia sepium subsp. *sylvatica* Maire in *Mém. Soc. Sc. Nat. Maroc* 21-22: 12 (1930).

Calystegia sepium R. Br. subsp. *sylvatica* (Choisy) Stoj. & Stefanov, *Fl. Bulg.* ed. 3: 912 (1948).

Calystegia sepium R. Br. var. *sylvatica* Bicknell, *Fl. Bordigh.*: 197 (1896).

Calystegia sepium R. Br. var. *silvestris* (R. & Sch.) Willk., *Prodr. Fl. Hisp., Suppl.*: 168 (1893).

Calystegia sepium R. Br. var. *silvestris* (Waldst. & Kit.) Fiori, *Nuova Fl. Anal. It.* 2: 296 (1926).

Convolvulus sylvestris Waldst. & Kit. ex Willd., *Enum. Pl. Hort. Berol.*: 202 (1809).

Convolvulus sepium subsp. *silvaticus* Maire & Petitmeng., *Et. Pl. Vasc. Grèce* (1906): 152 (1908).

- Convolvulus sepium* var. *inflatus* (Desf.) Fiori in Fiori & Paol., *Fl. Anal. It.* 2: 387 (1902).
- Convolvulus sepium* race *C. silvestris* Rouy, *Fl. Fr.* 10: 346 (1908) et race *C. silvaticus* Rouy, *l. c.*
- Volvulus silvaticus* O. Kuntze, *Rev. Gen.* 2: 447 (1891).
- Volvulus sepium* var. *silvestris* Beck, *Fl. Nieder. Oest.* 2 (1), Abt. 947 (1892).
- Volvulus inflatus* Druce, *Brit. pl. list.* ed. 2: 82 (1928).

Planta vivaz, glabra, risomatosa e estolhosa, de cerca de 1-3 m. Caule volúvel. Folhas ovado-cordiformes a sagitadas, obtusas e apiculadas a acuminadas. Pedúnculos compridos, \pm iguais ou maiores do que a folha correspondente. Bractéolas grandes, mais largas do que compridas, com 15-35 mm. de largura quando planificadas, imbricadas, envolvendo e, em geral, sobrepassando o cálice, fortemente infladas na base, subagudas, arredondadas ou emarginadas no ápice. Cálice com cerca de 1.5-2.0 cm. Corola de 5-9 cm., branca, por vezes com faixas rosadas. Estames de 25-38 mm. Anteras de 6-8 mm. Cápsula com cerca de 12 mm., ovoide, aguda. Sementes de 6-7 mm., castanho-anegradas, triangular-ovoides.

Durante algumas das excursões efectuadas por ocasião do VII Simpósio da Flora Europeia, realizado em Coimbra, chamou-nos a atenção esta espécie de *Calystegia* pelo grande tamanho das corolas e pela forma e dimensões das brácteas envolventes do cálice.

O posterior estudo do material então herborizado, demonstrou tratar-se de *Calystegia silvatica*, espécie ainda não conhecida na flora portuguesa, embora assinalada na maior parte dos países da Europa.

Entre nós, foi colhida em sebes e taludes, sendo um tanto parecida com *C. sepium*. Todavia, enquanto nesta as flores raramente ultrapassam 5 cm. de tamanho, as de *C. silvatica*, em geral, variam entre 5 e 9 cm. Além disso, as brácteas, nesta última espécie, são muito mais largas, fortemente imbricadas e infladas para a base, formando como que um saco.

Espécimes. Beira Alta: S. Pedro do Sul: numa sebe à entrada da povoação, 30.V.1972, *Balato-Beliz* e *Guerra* (ELVE 19115). Beira Litoral: Coimbra: Conchada: nos entulhos da barreira, em terreno de construção, 1.VI.1972, *Malato-Beliz* e *Guerra* (ELVE 19116).

Distribuição em Portugal. Beira Alta (S. Pedro do Sul) e Beira Litoral (Coimbra).

Distribuição geral. Portugal, Espanha (incl. Baleáres), França (incl. Córsega), Irlanda, Inglaterra, Holanda, Suíça, Itália (incl. Sardenha e Sicília), Jugoslávia, Albânia, Grécia, Creta, Roménia, Bulgária e Turquia. Caucaso e Norte de Africa.

Artemisia verlotorum Lamotte, *Mém. Ass. Franc. Cong. Clerm.-Ferr.*: 511 (1876).

Artemisia umbrosa Verlot, *Cat. Grenobl.*: 12 (1875), non Turcz.

Artemisia selengensis Bonnet, *Fl. Paris*: 208 (1883) non Turcz.

Artemisia vulgaris var. *angustisecta* Fiori in Fiori & Paol., *Fl. Anal. Ital.*: 3 (1903).

Artemisia vulgaris var. *aromatica* Sacc. (1917).

Artemisia vulgaris var. *suaveolens* Bég. (1917).

Planta vivaz, longamente rizomatosa, \pm densamente pubescente, com pêlos macios, curtos e aplicados. Caules erectos, avermelhados, estriados, angulosos, de 60-120 cm., ramificados superiormente. Folhas lirado-penatífendidas, de 5-8 x 2-5 cm., com os segmentos lanceolados, agudos, verde escuros e glabros ou, quando novos, esparsamente tomentosos na página superior, branco lanosos na página inferior, \pm pecioladas. Capítulos ca. 4 mm., ovoides, \pm erectos, numerosos, dispostos em panícula racemosa, densa, bracteada. Brácteas lanceoladas a oblongas, com a margem escariosa, lanuginosas. Receptáculo glabro. Flores marginais femininas e as centrais hermafroditas, avermelhadas. Aquênios ca. 1 mm., glabros. Outubro-Novembro.

Planta originária do sudoeste da China, esta composta encontra-se naturalizada em vários países da Europa e do Norte de Africa (Argélia), em meios ruderais. Na localidade em que agora foi assinalada em Portugal, vive nas bermas das ruas estreitas e antigas de Marvão, nas margens da velha calçada.

Espécime. Alto Alentejo: Serra de S. Mamede: Marvão: nas bermas das ruas; ruderal, 29.VIII.1967, *Malato-Beliz* (ELVE 19639).

Exsiccata.

BÉLGICA: Menin: bord de la Ly, X.1955, *Baily s.n.*

INGLATERRA: Margins of arable field: in flower after warm summer and autumn. Surrey: Downs Farm, Ewell, 15.X.1959, *D. P. Young* 6912.

Distribuição em Portugal. Alto Alentejo (Marvão).

Distribuição geral. Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça, Austria, Itália, Jugoslávia. Argélia. SW da China.

Catananche lutea L., *Sp. pl.* 2: 812-813 (1753).

Piptocephalum luteum Sch. Bip. in *Bonplandia* 8: 369 (1860).

Piptocephalum carpholepis Sch. Bip., *l. c.*: 369, 370.

Piptocephalum phaiolepis Ball in *Journ. Lin. Soc.* 16: 534 (1878).

Planta herbácea, anual, com ca. 15-50 cm., erecta ou sub-erecta, pubescente-acetinada, simples ou ramosa. Folhas lanceoladas a lineares, inteiras ou com poucos dentes, as inferiores pecioladas. Pedúnculos longos, nus ou com 1-2 bractéolas escariosas. Capítulos solitários, terminais, com invólucro campanulado, de brácteas plurisseriadas, imbricadas, muito desiguais, crescentes para o interior, as externas escariosas, obtusas, as internas lanceolado-acuminadas, herbáceas na base e com apêndice escarioso. Corolas todas liguladas, amarelas, em geral mais curtas que o invólucro. Receptáculo setífero-fibriloso. Aquénios cónico-pentagonais, com pêlos aplicados; papilho formado por 5-7 escamas lanceoladas, longamente acuminado-setiformes. Abril-Julho.

Espécimes. Alto Alentejo: Elvas: Herdade da Ovelheira: clareiras do carrascal; solo calcário; 9.V.1973, *Malato-Beliz* e *J. A. Guerra* (ELVE 19642); ib., ib.: estrada para Campo Maior: próx. das Amimoas: taludes calcários, 10.V.1973, *Malato-Beliz* e *J. A. Guerra* (ELVE 19640).

Exsiccata.

ESPAÑA. Bética, 1804, *J. D. Rodríguez* (MA 136982). Andalucía (MA 136984). Cádiz: Grazalema: lieux incultes et calcaires, 27.V.1890, *Reverchon* (MA 136986); Casas Viejas, IV.1914, *Beltrán* (MA 136995); Jerez, matorral de coscojas y lentiscos, 7.IV.1961, *Borja* et *A. Rodríguez* (MA 186955); Sevilla-Cádiz, in argilosis cultis prope Venta del Cuervo, 7.IV.1967, *O. Bolós*, *Rivas Goday* y *Rivas Martínez* (MAF; ELVE 15899). Sevilla: Utrera, Pantano Torre del Aguila, 16.V.1973, *Cabezudo*, *Escudero* et *Talavera* 1617.73 (SEV 13472). Córdoba: s. d., *Amor* (MA 136985).

ITÁLIA. Palermo: in collibus aridis, V.1891, *Rops* (MA 136993).

GRÉCIA. Rhodes: bords des champs près Bastida, 27.V.1870, *Bourgeau* (MA 136992).

MARROCOS. Tanger: camino del Fondat, 2.V.1921, *Pau* (MA 136994); Ouergha: Moulay Bou Chla: terrains argileux; 600 m., 14.V.1929, *Jabandiez* (MA 136987); Hab. in campis derelictis, argillosis, ad pedem monticulum Cudia Txumix, pr. El Araix, 11.V.1930, *Font-Quer* (MA 136989); Ain-Zora, sol margo-argileux (Metalza), 1.V.1935, *Sennen* et *Mauricio* (MA 161360); Tanger: in collibus, s. d., *Broussonet* (MA 136983).

ARGÉLIA. Alger: plaine de la Mitioja, IV.1838, *Bové* (LISU 55079G); Oran: in pratis, IV.1850, *Munby* (LISU 55080G); Oran: pelouses du Djebel

Santo, 30.V.1883, *O. Debeau* (LISU 55077G); Près de Constantine, 21.IV.1902 (LISU 55076G); Oran: pelouses, prairies, 17.IV.1903, *Faure* (MA 136990); Oued-Zenati (Constantine): prairies, talus, 27.V.1911, *Clavé* (MA 136991).

PALESTINA: Judean Mountains, Kefar Ezion, Batha of *Poterium spinosi*, stony place, 6.V.1935, *M. Zohary et Grizi* (LISU 58998G; MA 172003).

Distribuição em Portugal. Alto Alentejo (Elvas).

Distribuição geral. Portugal, Espanha, França (adv.), Itália, Grécia, Norte de Africa, Líbia, Síria e Palestina.

Ecologia e Fitosociologia. Esta curiosa composta mediterrânica, ao longo da sua área, ocupa terrenos calcários. Nos arredores de Elvas, quer na Herdade da Ovelheira quer nas Amimoas, vive em solos calcários pardos (Pc), os quais apresentam, em geral, um horizonte superior de 25-40 cm., pardo-amarelado ou pardo-acinzentado, franco-arenoso a franco-argiloso calcário. A sua estrutura é grumosa ou granulosa fina, forte ou moderada. Apresenta, ainda, forte efervescência com ClH e pH de 7.5-8.5.

Este horizonte está assente sobre outro, formado por material originário, de calcário não compacto.

A espécie está integrada numa comunidade vegetal herbácea, mais ou menos densa, revestindo pequenos taludes incultos na divisão entre propriedades ou entre folhas de cultura, ou, ainda, em pequenas clareiras relvosas de carrascal.

Um inventário feito no sítio das Amimoas, em 16 m², num talude calcário exposto a E, com uma cobertura de 90 %, mostrou a seguinte composição florística:

2.2 <i>Catananche lutea</i>	+ <i>Lathyrus</i> sp.
2.3 <i>Aegilops ovata</i>	+ <i>Centaurea pullata</i>
1.3 <i>Avena barbata</i>	+ <i>Cichorium intybus</i>
1.1 <i>Pallenis spinosa</i>	+ <i>Urospermum picroides</i>
1.1 <i>Lavatera trimestris</i>	+ <i>Misopates orontium</i>
1.1 <i>Foeniculum vulgare</i>	+ <i>Rhagadiolus stellatus</i>
+ .2 <i>Scorpiurus muricatus</i>	+ <i>Crepis taraxacifolia</i>
+ .2 <i>Trachynia distachya</i>	+ <i>Tragopogon hybridus</i>
+ .1 <i>Iris planifolia</i>	+ <i>Eryngium campestre</i>
+ <i>Convolvulus althaeoides</i>	+ <i>Biscutella lusitanica</i>
+ <i>Aegilops triuncialis</i>	+ <i>Gladiolus segetum</i>
+ <i>Scorzonera laciniata</i>	+ <i>Lolium rigidum</i>
+ <i>Rapistrum rugosum</i>	+ <i>Linum strictum</i>

Não só a mencionada composição florística, como a observada na Herdade da Ovelheira, fazem supor que *Catananche lutea* faz parte de um agrupamento da *Thero-Brachypodietalia*, ordem característica dos terrenos baixos e calcários das regiões quentes e secas da zona mediterrânica.

Tal agrupamento, de origem antropógena, teria resultado, na região de Elvas, da destruição do *Cocciferetum* (*s. l.*), em área climácica da *Quercion fagineae*.

Taraxacum ruborum van Soest in *Acta Bot. Neerl.* 10: 286 (1961).

Planta de 15-25 cm., subglabra. Folhas verde-graminosas a amareladas, até cerca de 22 cm. de comprimento, com pecíolo estreito, viscoso. Folhas externas subinteiras a dentadas, estreitamente obovadas a sublobadas com nervuras purpúreas. Folhas internas lobadas; lobos laterais (c. 3 de cada lado) frequentemente assimétricos, com o espaço entre os lobos de curto a sublongo, raramente dentados, muitas vezes parcialmente rasgados, triangulares, com ca. 3 cm. de comprimento, inteiros ou raramente com um dente, subobtusos ou, poucas vezes, tenuemente acuminados; lobos terminais alongado-hastados, com 2.5-7 cm. de comprimento e ca. 2.5 cm. de largura, inteiros, subagudos, com os lóbulos da base de ca. 2 cm. de comprimento, subobtusos a subagudos. Escapo igualando as folhas, purpurascete, glabro. Invólucro arredondado na base, verde escuro quando seco. Brácteas externas encostadas, ovadas, curtas (ca. 6 mm. de comprimento), 3 mm. de largura, nitidamente ciliolado-marginadas, com o ápice purpúreo, obtuso; brácteas internas ca. 12 mm. de comprimento, completamente lisas. Capítulos medíocres, fracamente radiantes, ca. 2 cm. de diâmetro. Lígulas fortemente amarelas, as marginais planas, externamente com estrias ténues violáceo-esbranquiçadas. Estilete e estigma pouco distintos, anegrados pela secagem. Aquénios amarelo-palha, ca. 4 mm. de comprimento, brevemente espinulosos na extremidade superior e lisos ou sublisos na parte restante, terminados bruscamente em ponta piramidal-subcilíndrica de ca. 0.7 mm. Rostro com ca. 5 mm.; papilho branco, de 5 mm. de comprimento.

Esta espécie das Compositae, estabelecida com base em plantas herborizadas em França uma das quais colhida já em 1840 (Fontfroide, *Hérault*), faz parte do elenco florístico de pastagens de solos com elevada humidade.

Em Portugal, onde se herborizou pela primeira vez, integrase no bordo sul da área da *Quercus pyrenaica*, na zona da Serra de S. Mamede, a cerca de 600 m. de altitude, vivendo junto às valetas das estradas, igualmente em condições de elevada humidade.

Espécime. Alto Alentejo: Serra de S. Mamede: Castelo de Vide: Moutosa: berma da estrada para a S^a da Penha, 2.VII.1969, Malato-Beliz et al. (ELVE 19638).

Distribuição em Portugal. Alto Alentejo (Castelo de Vide).

Distribuição geral. França e Portugal.

Biarum bovei Blume, *Rumphia* 1: 114 (1835).

Icon.: Blume, *Rumphia* 1: 114, tab. 29 (1835). — Fiori & Paol., *Icon. Fl. Ital.*, ed. 3: 67, f. 527 (1933). — Cuénod, *Fl. Tunis.*: 185, f. 53 (1954). — Maire, *Fl. Afr. Nord* 4: 245, f. 696 (1957).

Planta vivaz, com tubérculo subgloboso, farinoso, provido de raízes unicamente na parte superior. Escapo curto, subterrâneo, envolvido na base por bainhas membranosas, hialinas. Folhas com pecíolo invaginante até acima do meio, do tamanho do limbo ou maior; limbo por vezes maculado de purpúreo-anegrado, de forma muito variável, geralmente oval ou oval-oblongo, podendo ser \pm alongado, lanceolado ou, mais raramente, linear, por vezes com as margens onduladas, atenuado ou contraído na base e obtuso na ponta. Espata de 5-15 cm., nascendo ao nível do solo, com o tubo 3-5 vezes menor que a lamina, globuloso, com as margens soldadas inferiormente; lamina alongada, lanceolada, aguda, geralmente verde na parte externa e castanho-avermelhada na face interior, mais raramente verde nas duas faces. Espádice com a parte feminina hemisférica, basilar, separada da parte masculina por um intervalo \pm longo, nu ou com alguns rudimentos de flores estéreis; parte masculina cilíndrica, de 1.5-3 vezes o tamanho da parte feminina; *rudimentos de flores estéreis nulos acima da parte masculina*; apêndice cilíndrico, delgado, comprido, com 2-3.5 vezes o tamanho da inflorescência, do tamanho da espata, ou um pouco maior ou menor. Anteras sésseis, abrindo por fendas longitudinais. Ovário oblongo, contraído em estilete mais curto que ele, com estigma capitado. Frutos alongados, angulosos, um tanto carnudos, negros. Floração: Setembro-Dezembro. Foliação: Novembro-Maio.

Esta arácea mediterrânica é extremamente polimorfa, pelo que a sua variação motivou a diferenciação de vários taxones específicos e infra-específicos, a maioria dos quais julgamos não se manterá face a uma revisão morfoecológica atenta.

A espécie foi herborizada pela primeira vez em Portugal, em Novembro de 1953, já então nos arredores de Elvas, tendo sido erradamente dada como

Biarum tenuifolium (L.) Schott. (*). Novas colheitas recentes, permitiram reconhecer o erro, assinalando a presença desta interessante espécie, não só nos solos vermelhos de calcário de região elvense, mas também em solos pardos calcários dos arredores de Campo Maior.

Espécimes. Alto Alentejo: Elvas: Sto. Ildefonso: Herdade da Alagada, junto à linde da Herdade da Calada, 17.XI.1953, *Guerra* (ELVE 71); *ib.*, *ib.*: Herdade da Calada: taludes e olival; solo calcário, 16.VIII.1972, *Malato-Beliz e Guerra* (ELVE 19641); *ib.*: Campo Maior: Torre do Caia: taludes de solo pardo calcário, junto à estrada do regadio, 30.VII.1972, *Malato-Beliz e Guerra* (ELVE 19643).

Exsiccata.

ARGÉLIA: Oran: Figuer: in pratis argillosis, XI.1856, *Munby*; Miliana, 14.III.1874 (Herb. Fac. Sc. Monsp).

Distribuição em Portugal. Alto Alentejo (Elvas e Campo Maior).

Distribuição geral. Portugal, Espanha, Itália, Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Palestina.

(*) MALATO-BELIZ, J. e J. P. ABREU (1954) Notas de Florística. IV. *Mem. Soc. Brot.* 10: 11-27.